

# Desejos secretos e indiscretos: a jovem homossexual – a história que segue...<sup>1</sup>

Ignácio A. Paim Filho<sup>2</sup>, Porto Alegre

Raquel Moreno Garcia<sup>3</sup>, Porto Alegre

Assim resta-lhes apenas um caminho: ajuda médica. E esta será conduzida por alguém que a sociedade vienense teme tanto como o diabo à cruz: o professor Freud, cujo método da psicanálise, pouco apreciado nesses círculos, parece aos pais de Sidi ser a última oportunidade de trazer a filha de volta à razão e ao caminho da normalidade. (RIEDER; VOIGT, 2000/2008, p. 42)

**E**m Viena, no final da segunda década do século XX, os Impérios Austríaco (1804-1867) e Austro-Húngaro (1867-1918) encerraram sua trajetória após a derrota na Grande Guerra. Os anos 1920, também conhecidos como “os anos loucos”, trazem consigo o fervor da jovem República da

---

1 Publicado originalmente em PAIM FILHO, I. A. & GARCIA, R. M. *Identificação*. São Paulo: Editora Blucher, pp. 195-205.

2 Médico, psicanalista e escritor. Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA) e membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Autor dos livros *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte* (Movimento, 2014), *Inconfidências metapsicológicas: Das Unheimliche* (Sulina, 2019) e *Racismo: por uma psicanálise implicada* (Artes & Ecos, 2021), além de co-autor de outras obras.

3 Psicóloga, psicanalista e sócia-fundadora da Constructo – Instituição Psicanalítica. Organizadora dos livros *Sobre o infantilismo da sexualidade* (Sulina, 2017) e *As desordens da vida* (Sulina, 2019). Pós-graduada em Psicanálise e Gênero pelo Foro Psicoanálisis y Género da Asociación de Psicólogos de Buenos Aires e em Clínica Psicanalítica na Infância e na Adolescência pela Asociación Argentina de Psicología de la Infancia y la Adolescencia.

Áustria alemã. É nesse cenário, marcado por profundas transformações no continente europeu, que uma jovem de 18 anos, acompanhada de seu pai, chega à Berggasse 19 – a jovem homossexual. O disruptivo do seu mundo psíquico causava turbulências no contexto familiar e social. Ponto de convergência com a jovem psicanálise? Provavelmente – afinal, a sociedade vienense a teme como o diabo teme a cruz.

É sobre a história dessa jovem que pretendemos exercitar uma escuta teórico-clínica. Para isso, valemo-nos da narrativa de Freud e de uma biografia editada por Ines Rieder e Diana Voigt, nomeada *Desejos secretos* (2000/2008), cuja protagonista recebe o codinome de Sidonie (Margarethe Csonka-Trauteneegg). Será com esse pseudônimo que iremos trabalhar. Portanto, no interjogo dessas duas narrativas, vamos construir a nossa própria narrativa sobre as origens e os destinos dos seus secretos e indiscretos desejos.

## Freud e a jovem homossexual

Uma bela e inteligente jovem de dezoito anos, pertencente a uma família de boa posição, despertara desprazer e preocupação em seus pais pela devotada adoração com que perseguia certa “dama da sociedade” cerca de dez anos mais velha que ela mesma. (FREUD, 1920/1976, p. 185)

Temos, aqui, uma comunicação preliminar do que mais tarde convocará as atenções de Freud sobre a sexualidade feminina e a feminilidade. Freud abordou tempos de transição/transformação da sexualidade adolescente – Sidonie em seus 18 anos, com suas manifestações da feminilidade adulta em seus avatares. O mesmo véu que encobria a homossexualidade feminina nesses tempos daquela cultura encobria também a pesquisa psicanalítica.

Freud atenta ao interesse único que sequestra a paciente, sua fascinação pela tão bem-amada, a admiração devotada, e constrói suas hipóteses no breve trabalho daquela análise. Uma análise por encomenda, quando o pai, acometido de forte amargura, determinado a combater a homossexualidade da filha, busca a psicanálise para reconduzi-la à normalidade ou “um casamento rápido [que] deveria despertar os instintos naturais da moça e abafar suas tendências inaturais” (*ibid.*, p. 187).

A mãe era uma mulher jovem, decididamente áspera com a filha e de excessiva indulgência para com os três filhos, resultando daí uma relação pautada pela ambivalência. Nessa sorte de romance familiar, jogavam elementos intrigantes, instigantes para o pensamento psicanalítico de ontem e de hoje.

Entretanto, Freud adverte que não havia conflito interno sofrido pela paciente e afirma que “a jovem não está de modo algum doente” (*ibid.*, p. 189), não havendo, portanto, demanda de conflito neurótico para a análise; a tarefa seria, então, transformar determinada organização genital da sexualidade em outra – tarefa insólita: transformar uma homossexualidade em heterossexualidade ou vice-versa, procedimento nunca necessário. Ele discorre sobre a multiplicidade de formas de homossexualidade e denuncia as pressões externas sofridas pelo homossexual, como as desvantagens sociais e os perigos ligados à sua escolha de objeto. E, de forma visionária, aponta para a difícil perspectiva quanto a uma “cura gay”, terapia da inversão solicitada pela família, retomando as perspectivas sobre as possíveis escolhas de objeto diante de uma organização bissexual.

Nesse percurso, Freud afirma que a relação da paciente com a dama, objeto de seu amor, restringia-se a um sentimento idílico, com sua castidade genital intacta, insistindo na pureza de seu amor, assim como em sua repulsão física. Uma ordem de amor para alguém das diferenças? Em

suas investigações, Freud escutava da paciente que se sentia incapaz de se enamorar de outra forma e que somente por amor aos pais auxiliaria a empreender aquele esforço terapêutico certamente incerto.

Nessa incursão a respeito da homo, hetero e bissexualidade via esse caso clínico, ele nos esclarece: “em ambos os sexos, o grau de hermafroditismo físico é, em grande parte, independente do hermafroditismo psíquico” (*ibid.*, p. 192). E, fazendo uma abordagem própria de um homem de seu tempo, comenta a relação da paciente com seu objeto amoroso como inteiramente masculina: “apresentava a humildade e a sublime supervalorização do objeto sexual tão característico do amante masculino, a renúncia a toda satisfação narcísica e a preferência de ser o amante e não o amado” (*ibid.*, p. 193). Contudo, Freud oferta elementos importantes para a reflexão a respeito dos atributos masculinos físicos e intelectuais referentes ao pai. Assim, observa a escolha de um objeto amoroso feminino com uma atitude masculina em relação ao mesmo.

Nessa história sexual, nos termos de Freud, tudo ocorrera sem grandes intercorrências. No entanto, a paciente chega à puberdade com sentimentos mistos de lascívia e assustada aversão ao conhecimento sobre a sexualidade obtido na escola. Nesse período, ela apresentara uma terna afeição por um menino de 3 anos, fato que o faz inferir um possível desejo pela maternidade. Contudo, logo a seguir, ela desvia seu interesse para mulheres maduras, fato que lhe valeu severa punição por parte do pai.

Segue-se, então, um interesse homossexual por mulheres mais velhas. Quando completa 16 anos, sua mãe tem uma nova gravidez e nasce o terceiro irmão. A análise e os sonhos levaram Freud a compreender que a amada dama representava uma substituta da mãe, bem como fora suas atenções com as mães de seu convívio.

Aqui ocorre um resgate da bissexualidade universal dos seres humanos, na qual se encontra a satisfação da tendência homossexual com a da tendência

heterossexual, na medida em que a paciente manifesta sua profunda admiração pela dama esbelta, de postura ereta, guardando lembranças do irmão mais velho.

Freud acrescenta, neste ponto, que a relação da paciente com a mãe era permeada por rivalidades da parte da mãe, que se mantinha vigilante ao relacionamento da filha com o pai. A paciente constrói uma equação, na qual, em plena revivescência edípica, sofre um grande desalento, quando sua rival inconscientemente odiada é quem protagoniza a maternidade: “Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens” (*ibid.*, p. 196). Buscou, então, outro objetivo para sua libido e abjura de sua feminilidade: “Em todos nós, no decorrer da vida, a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos” (*op. cit.*). Sobre a paciente, Freud elabora suas sínteses e sustenta que, de trás de tamanho desalento, a jovem retira seus investimentos na maternidade, no amor dos homens, “se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto de seu amor” (*ibid.*, p. 197). Nessa direção, busca na dama a mãe substituta a quem se liga apaixonadamente.

Por essa via, toma a homossexualidade como vingança ao pai pela traição e descobre, condensado na figura de sua dama, aquele objeto que atenderia às suas inclinações homossexuais, assim como a parte de sua libido heterossexual, dirigida ao irmão.

Na análise da tentativa de suicídio, aparece o rastro dos desejos incestuosos/parricidas frustrados dirigidos ao pai e à mãe. Freud afirma que, com sua paciente, o fator emocional de vingança contra o pai, atitude que a faz aferrar-se à homossexualidade, se apresenta na transferência, tornando fúteis todos os esforços do analista; ali, o azedume contra os homens se apresenta, sua hostilidade latente e excessivamente forte põe em risco o tratamento e atinge em cheio Freud, que bate em retirada, encaminhando a paciente para uma analista. Estaria Dora retornando, assombrando Freud?

Não obstante, a transferência positiva surge como revivescência do apaixonado amor da jovem paciente pelo pai, e os sonhos, segundo interpretação de Freud, previam a cura da inversão por meio do tratamento, confessavam anseios pelo amor de um homem e filhos. Em vigília, falava de um casamento para fugir da tirania do pai, o que lhe asseguraria estabelecer relações ao mesmo tempo com um homem e uma mulher.

Freud aponta para as forças e os caminhos que conduziram a libido da paciente da conflitiva edípica à homossexualidade, chegando às repercussões do nascimento do irmão como fator preponderante. Sobre as condições da psicanálise na etiologia dos processos mentais, Freud (*ibid.*, p. 207) propõe que “de um conhecimento das premissas não poderíamos ter previsto a natureza do resultado”. E, com isso, acena para fatores especiais de natureza interna que jogaram força na escolha do objeto amoroso da paciente, para além da frustração vivida em tempos de Édipo. Ele afirma que, invariavelmente, existe um tempo, após o período da puberdade, para que se efetive a decisão com referência ao sexo do objeto amoroso.

Nesse processo, o analista intrépido recolhe elementos da vida libidinal da paciente que indicam, desde anos muito precoces, sua libido que fluíra em duas correntes: a superficial, de caráter homossexual com referência ao vínculo com sua mãe, e a mais profunda – a atitude originária do complexo edípico, inconsciente, a corrente heterossexual da libido que fora desviada para a homossexualidade manifesta.

Freud surpreende novamente com uma consideração de vanguarda quando afirma que as questões referentes à escolha de objeto não coincidem necessariamente com o caráter sexual mental do sujeito, com suas características sexuais. Assim, refere-se ao mistério da homossexualidade, uma referência comprometida com a produção de subjetividade de sua época, dizendo que ela comportaria três conjuntos de características a serem consideradas: caracteres sexuais físicos (hermafroditismo físico),

caracteres sexuais mentais (atitude masculina ou feminina) e tipo de escolha de objeto. Essas características variam e são independentes entre si, sendo encontradas em sujeitos diferentes permutações múltiplas.

De forma brilhante, Freud se coloca contra a suposição equivocada e tendenciosa da existência de um terceiro sexo com a homossexualidade. Em nossos dias, observamos uma tentativa de uniformizar o que se designa por homossexualidade. Nesse sentido, permanece refutada uma melhor compreensão interna, denunciada em uma literatura leviana, que reduz a homossexualidade à inter-relação entre a escolha de objeto e os caracteres sexuais físicos. Dessa forma, não são considerados fatores fundamentais, tais como a fixação do sujeito à mãe, a existência da homossexualidade inconsciente ou latente e a bissexualidade psíquica, mediadas pelos jogos identificatórios, que habitam o ser humano.

A psicanálise revela os mecanismos psíquicos que culminaram na escolha de objeto e cria condições para rastrear seus caminhos em relação à vida pulsional. Freud finaliza propondo que, embora a psicanálise possua uma base comum à biologia, pressupondo a bissexualidade original enquanto disposição nos seres humanos, não é possível elucidar a natureza intrínseca do que se constitui masculinidade e feminilidade.

Essa elaboração freudiana tem como palco de realização as vicissitudes da relação transferencial: “Quanto tempo isso lhe custa! Cinco vezes por semana, no melhor horário do dia, no meio da tarde, ela deve ir à casa do professor Freud, se deitar ali e responder perguntas absurdas” (RIEDER; VOIGT, 2000/2008, p. 44). Em seguida, prossegue: “Mas em geral o acha desinteressante. Um homem velho que faz perguntas desagradáveis e afirma coisas incríveis, e ela, por isso, nunca sabe se acha mais enfadonho ou mais repugnante todo o processo” (*ibid.*, p. 45).

## Sidonie: desejos secretos e indiscretos

Sempre fui apaixonada pela beleza. Uma bela mulher é sempre um prazer para mim, e será assim até o fim da minha vida. (*ibid.*, p. 416)

Sidonie, mulher, judia, homossexual, sem filhos, nasceu em Viena em 1902 e morreu em Viena em 1999. Essa “jovem” centenária traz consigo as marcas do século XX. Em sua vida, vamos encontrar, por exemplo, ressonâncias das duas grandes guerras, o que vai implicar sua jornada de se transformar em uma cidadã do mundo.

No decorrer da sua história, vamos nos deparar com seu casamento, produto de um arranjo para que se adaptasse às demandas familiares e sociais, condizentes com o perfil da aristocracia vienense: “O único ponto positivo desse casamento era dividir a vida com um ser do sexo masculino e com isso satisfazer a norma e as convenções” (*ibid.*, p. 208). Na década de 1930, Sidonie começa um romance intenso e duradouro, com aproximações e afastamentos, com Wjera: “Não há um só dia que eu não pense nela” (*ibid.*, p. 420).

Com o advento da perseguição aos judeus, por ocasião da invasão de Viena pelas tropas de Hitler, Sidonie se viu obrigada a fugir, ganhando morada em Cuba. Em 12 de agosto de 1940, iniciou o seu exílio: “A dor de deixar Viena é intensa e, no entanto, se mistura a uma alegria temerária pela liberdade sem fronteiras que a aguarda” (*ibid.*, p. 261). A partir desse novo contexto, nossa protagonista começa o novo ciclo, que implica, entre outras coisas, trabalhar para a sua manutenção – uma mudança radical em sua vida –, ter de começar a prover o próprio sustento aos 45 anos. Até essa data, manteve-se administrando a herança paterna. Esse período em Cuba vai lhe propiciar maior grau de maturidade. Sidonie irá trabalhar como governanta e professora nas casas dos latifundiários da cana-de-açúcar. O amor também se faz presente em Cuba, incorporado pela figura de Marie-Louise.

Sua biografia é repleta de histórias em que o amor pelas mulheres e pelos animais, em especial pelos cachorros e por seu macaco Chico, é uma constante. Vai viajar e trabalhar em vários países, muitas vezes na função de cuidadora, seja de idosos ou de crianças: Estados Unidos, Europa, Brasil e Tailândia.

Vale destacar o questionamento de Sidonie sobre a sua sexualidade, o lugar que o encontro com o corpo do outro lhe suscita: “Como um simples toque de mão, um movimento do corpo, um olhar a tinham podido excitar mais que regiões do corpo em que todos costumam concentrar o desejo!” (*ibid.*, p. 415). Esse questionamento importante nos faz pensar que uma parte do seu psiquismo permanece aprisionado a um *quantum* da disposição perversa polimorfa, um recuo diante das múltiplas facetas do corpo erógeno, certo horror à diferença anatômica entre os sexos. Nesse sentido, segue dizendo: “Como havia achado terrível o lugar escuro e a ‘coisa’ ameaçadora entre as pernas dos homens; como considerava angustiante, mesmo que um pouco melhor, esse lugar úmido nas mulheres; quanta repugnância lhe provocava uma língua dentro da boca!” (*ibid.*, p. 415).

Essa observação em relação ao corpo da mulher nos convoca a refletir e especular sobre o destino da pulsão sexual e a constituição do seu desejo. Acreditamos que uma via sublimatória vai se estabelecer de forma proeminente, uma dessexualização da via direta, o que faz com que o desejo se realize em partes do corpo que se distanciam necessariamente dos órgãos genitais. Esse cenário nos leva a ponderar sobre o investimento parental, provável cisão em que o seu corpo ficou segmentado e, nesse processo, impedida de saber, conhecer e desfrutar os prazeres que seu corpo como um todo e, por consequência, o do outro poderiam usufruir. Talvez mais uma herança materna, um aprisionamento às identificações primárias, com seus prováveis traços histéricos: uma mãe que amava o amor que os homens tinham por ela.

Nesse roteiro sinistro, nossa personagem retorna para a “casa materna”, na Espanha, assumindo os cuidados da mãe moribunda, durante dois anos. Esse desfecho da morte materna leva consigo a expectativa de um encerramento do ciclo tanático dessa relação:

Quando a terra vermelho-clara do sul da Espanha tombou sobre o caixão simples de madeira, Sidonie não sentiu nada. Estava exausta pelos longos meses de cuidados contínuos para sofrer com o luto. Ao contrário, sentia uma espécie de alívio. A dor de ter sido a filha não amada talvez pudesse ir com a mãe para o túmulo. (*ibid.*, p. 381)

O que Sidonie realmente amargou foi a morte de seu querido macaco Chico. Encontrou-se diante da triste decisão de sacrificá-lo após um acidente; se o fizesse, despacharia para o além a criatura mais amada que lhe restava neste mundo. E o mundo desmoronou, apoderando-se dela uma intensa fúria: que maldito Deus era esse que deixara Chico morrer? (*ibid.*, p. 382).

## A história que segue

Se tivesse um canto só para mim, talvez tentasse escrever um livro. [...]. Penso sobretudo em escrever minhas memórias, que teria três partes: meu primeiro amor, meu segundo grande amor e meu último amor. (*ibid.*, p. 369)

Essa narrativa clínica ilustra o lugar das identificações como propulsor da constituição do psiquismo – tempo primeiro –, do vir a ser. A complexidade do processo edípico se faz proeminente, revelando a conflitiva edípica e fazendo aberturas à faceta narcísica, em direção à sexualidade ampliada da psicanálise.

Sidonie, a jovem homossexual, em sua história autobiográfica, permite-nos especular, em nossas incursões metapsicológicas, sobre as vicissitudes de suas identificações, o seu “tornar-se mulher” em seu processo interminável,

revelando os detalhes constitutivos e as particularidades envolvidas na estruturação de sua psique e escolhas de objeto. Essa história vem ratificar que a escolha de objeto é consequência, e não causa, da resolução das múltiplas combinações da malha identificatória que nos constitui como sujeito.

Vemos, nessa história centenária, que começou a ser rascunhada por Freud, um verdadeiro celeiro de ideias, para que ousemos seguir refletindo sobre os desafios da clínica do nosso tempo, que tem nos convocado, de forma intensa, a lançar um olhar e uma escuta atravessados por uma aguçada sensibilidade para as novas configurações da sexualidade e denunciar o compromisso da psicanálise com a ruptura do *closet* epistemológico.

## Referências

RIEDER, I. & VOIGT, D. (2000) *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FREUD, S. (1920) “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”, in *Edição Standard Brasileira das Obras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

*Publicado em janeiro de 2025*

### **Raquel Moreno Garcia**

Rua Florencio Ygartua, 391/301  
90430-010 - Porto Alegre - RS  
raquel@cedem.com.br

### **Ignácio A. Paim Filho**

Rua Félix da Cunha, 737/410  
90440-150 - Porto Alegre - RS  
paimiga@terra.com.br